

## **Classes A, B e C crescem 28% e pobres caem 41%**

(Irna Cavalcante)

O economista da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri, destaca que no Brasil como um todo o período entre 2003 e 2008 pode ser considerado como a "Pequena Grande Década", uma alusão à obra Era dos Extremos – O Breve Séc. XX, escrita pelo historiador Eric Hobsbawm. Neste período, todos os indicadores de renda tiveram melhoras substantivas, como crescimento da renda per capita de 5,3% por ano, redução inédita na desigualdade e a redução da pobreza.

Somadas as classes A, B e C, houve um aumento de 28,9% no número de pessoas. Enquanto isso, a proporção de pobres (classe E) caiu 41% ao longo do mesmo período. Neste período, a taxa de crescimento da renda per capita/ano no Pará foi de 6,9% - uma oscilação idêntica à obtida pela renda do trabalho. Ao analisar os dados da região Norte, estas taxas foram de 6,3 e 5,9% respectivamente.

Na outra ponta, está o crescimento da participação da renda proveniente dos programas sociais, como o Bolsa Família. Enquanto em todo Brasil este índice cresceu na ordem de 21% ao ano, na região Norte o percentual subiu no ritmo de 25,4% e, no Pará, a 20,1%.

De acordo com Neri, com relação à renda, o Brasil apenas registrou uma "parada súbita" no ano passado, diante da crise econômica mundial, que fez oscilar as composições de todas as classes. No entanto, ao longo do ano houve a recuperação e retomada dos patamares anteriores.

O economista responsável pelo estudo afirma ainda que no Brasil as classes A e B foram as primeiras a se recuperarem porque também foram as primeiras a sentir os impactos da crise, já em setembro de 2008, enquanto a classe C só começou a "sofrer" os efeitos da recessão mundial no início de 2009. No período 2008-2009, 14,38% desses indivíduos caíram das classes A e B para a C. Ele explica que, quando comparados os dados de dezembro de 2009 com dezembro de 2008, "estamos comparando com uma época em que a classe C ainda estava perto de seu nível mais alto da História". "Estar agora apenas -0,4% abaixo de um período de recessão não pode ser considerado tão negativo", acrescenta Neri no estudo. Para ele, fatores como a alimentação do mercado interno e menos dependência das oscilações do mercado financeiro ajudaram a tirar o Brasil da crise.

Ele fecha a pesquisa afirmando que, no final das contas, o Brasil teve "um empate com muitos gols, começamos levando uma goleada, mas equilibramos o placar até o fim do ano com sinais de expansão para o futuro".

### População já sente no bolso geração de emprego

A assistente operacional Tamara de Freitas, de 36 anos, tem sentido bem estas mudanças. Depois de passar três anos desempregada, ela encontrou, em plena crise econômica mundial, a oportunidade que precisava para resolver sua crise financeira pessoal e garantir a prosperidade da família. Este retorno não foi fácil. Foram muitas pesquisas de mercado, testes e distribuição de currículos, mas hoje ela pode dizer com orgulho que ajudou a dobrar o orçamento familiar.

"Para mim 2009 foi maravilhoso. Conseguimos muitas coisas boas", afirma Tamara. Uma prosperidade que não demorou muito para implicar também mais gastos. Com a renda dela somada à do marido, Eder Freitas, supervisor de uma empresa de alarmes, a família agora conta com um carro financiado, computador, microondas, plano de saúde particular e mais conforto para o filho de dois anos. "A rotina é cansativa. Acordo às 5 horas e paro de trabalhar às 22h, mas tem valido a pena", afirmou.

Uma satisfação que chegou também à família da empresária Elisângela Silva, de 35 anos. Com disciplina e uma boa dose de organização, ela e o marido conseguiram reverter a demissão dele em uma ajuda a mais para a empresa de decoração e fotos que ela mantinha. Nos últimos seis meses eles conseguiram manter uma média de dez eventos ao mês. "Não tem mais um final de semana que não tenho evento para fazer", afirmou. Um trabalho que permitiu ao casal ascender da classe D para a C. "Ainda não está como quero, mas melhorou 100%", disse Elisângela.